

PROJETO TROCA LIMPA TORNANDO ÚTIL O “INÚTIL”

Maria Ariadny Moreira Feitosa

*Professora do Ensino Fundamental e Coordenadora Pedagógica
no Município de Serra de São Bento/RN
ariadnymoreira@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho tem o escopo de apresentar o Projeto Troca Limpa iniciado pelas turmas da Educação de Jovem e Adultos do Campo, realizado no município de Serra de São Bento, Estado do Rio Grande do Norte. O mesmo tem o objetivo de conscientização ecológica e sustentabilidade local, com base na economia solidária e valorização da agricultura familiar. O projeto troca resíduos como, alumínio, papelão e plástico por alimentos da agricultura familiar. A troca acontece diariamente no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar – SINTRAF e nas quintas feiras, na feira dos produtos do campo, das 8h às 11h. Para participar as pessoas devem levar os resíduos limpos, seguindo uma tabela de preços, o quilo dos resíduos se torna moeda de troca por alimentos da agricultura familiar. Dentro deste projeto iniciou um sub projeto por nome, *Adote uma lixeira*, onde os moradores compram uma lixeira feita de pneu usado o qual se torna uma rosa e é colocada em frente a casa, embelezando a cidade e possibilitando lixeiras nas ruas, até o momento são 47 (quarenta e sete) em diferentes avenidas do município. Tendo o projeto partido das turmas da Educação de Jovens e Adultos do campo, buscou-se envolver todas as escolas municipais no protagonismo desta proposta, por entender que a escola é um ambiente de ensino e aprendizagem que contribui para formação cidadã. Como resultado positivo, as escolas estão iniciando um trabalho de coleta seletiva permanente. Outros municípios já estiveram presentes em Serra de São Bento para conhecer e vivenciar a Troca Limpa.

Palavras-chave: Educação do Campo, Sustentabilidade, Economia Solidária.

INTRODUÇÃO

Compreendemos que a sociedade contemporânea ainda tenta se desvencilhar da visão antropocêntrica de mundo. Essa visão autorizava o ser humano a dominar a natureza, e dela se utilizar como se a sua existência fosse exclusivamente para satisfazer as necessidades humanas. E como resultado desse paradigma e das imposições do capitalismo podemos citar a crise socioambiental presente atualmente. “O cidadão deve recuperar controle de sua vida cotidiana e de seu destino econômico, social e ambiental” (Gutiérrez, 2008, p. 28).

Ouvimos falar muito na busca da sustentabilidade, mas ela requer uma mudança de mentalidade e de ações efetivas para a sua concretização. É preciso que educadores conscientes contribuam para a formação crítica de seus educandos, que haja uma participação efetiva da

comunidade escolar na vivência da educação e sustentabilidade ambiental. Capra (2006), por sua vez, afirma que a humanidade tem a capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações. Isso é o que significa a prática da sustentabilidade.

Contudo, essa prática é possível ser vivenciada na rotina escolar, cravada no currículo nas ações pedagógicas e percebida por toda a sociedade. Numa simples coleta seletiva do lixo, constatamos que há a possibilidade de vivência da sustentabilidade.

Segundo Leff (2001), a sustentabilidade emerge como uma necessidade de restabelecer o lugar da natureza na teoria econômica e nas práticas do desenvolvimento, internalizando condições ecológicas da produção que assegurem a sobrevivência e um futuro para a humanidade.

É preciso que haja educadores conhecedores e comprometidos com a sustentabilidade para, assim, transmitir conhecimento e vivência aos seus educandos.

Para Gardner, a inteligência implica resolver problemas, desenvolver projetos que sejam socialmente úteis; para Wallon, a inteligência nasce da emoção. Assim, classificamos este trabalho como um processo de inteligências múltiplas.

Depois de Paulo Freire, não é mais possível pensar a educação como um universo preservado, como não foi mais possível pensar a sociedade sem a luta de classe após o pensador alemão Karl Marx (1818 – 1883).

É de se entender, portanto, que, nestes últimos anos, estamos passando por diversas transformações em nossa educação, visto que já existem educadores buscando uma aprendizagem com mais sentido e procurando estimular o comprometimento das crianças, jovens e adultos com o ambiente escolar, com as relações humanas e com um mundo melhor.

Situações pontuais indicam discretas mudanças na educação escolar incorporando elementos para superar a prática tradicional. A abordagem tradicional é marcada pelo ensino rigoroso, em que os padrões são muito respeitados e fundamentados em práticas educativas. O ensino é centrado no professor, figura indispensável para a transmissão de conhecimentos, considerado como detentor do saber. O aluno é, apenas, um receptor que obedece às determinações que lhe são impostas, que não emite suas ideias, não interroga, tampouco dialoga com a autoridade exterior.

Massabni (2007) aponta que apesar das condições desfavoráveis, professores apresentam discurso pautado no Construtivismo e, em alguns momentos, colocam em prática elementos de uma abordagem construtivista.

Nessa perspectiva, o “construtivismo” parte da crença de que o saber não é algo concluso, terminado, mas um processo em incessante construção e criação. Assim, o conhecimento é um edifício erguido por meio da ação, da elaboração e da geração de um aprendizado que é produto da conexão do ser com o contexto material e social em que vive, com os símbolos produzidos pelo indivíduo e o universo das interações vivenciadas na sociedade.

Esta construção é realizada através da ação e não por dons concedidos anteriormente ao sujeito, presentes na constituição dos genes ou no ambiente onde ele cresceu. Assim, esse método pressupõe que é, a partir da atitude, que se instituem a mente e a consciência, assim como os nossos pensamentos.

Logo, o método construtivista fundamenta-se na escrita, pois acredita que o aluno tem condições de se alfabetizar sem a ajuda de cartilhas e mecanismos que o induzem a decorar, repetir mecanicamente, declamar, transmitir e aprender o que já está acabado. Parte-se da ideia de que a criança, antes mesmo de ser alfabetizada no ambiente escolar, já descobriu como funciona o processo de aprendizado do alfabeto, como, por exemplo, ler do lado esquerdo para o direito.

Com isso, percebemos a importância de usufruir deste método no decorrer deste projeto, pois é essa prática construtivista que deve ser observada por todos os protagonistas do projeto Troca Limpa.

Freire (2007) comenta que a tradição pedagógica insiste, ainda hoje, em limitar o pedagógico à sala de aula, à relação professor-aluno. A educação escolar deve transpor os muros da escola para que ela possa ter acesso à rua, invadir a cidade. O autor ainda acrescenta que, enquanto os grandes debates permanecerem no interior da escola, cada vez mais isolando-a dos problemas reais e longe das decisões políticas, não existirá uma educação libertadora.

Contudo, a educação do campo em Serra de São Bento não poderia pensar diferente, percebemos neste projeto uma oportunidade de abrir horizontes, trabalhar e vivenciar os fundamentos práticos da educação ambiental, empregar de sentido as práticas pedagógicas e



fomentantar uma gestão participativa, natural no processo político democrático, mas, distante de nossa realidade.

PROJETO TROCA LIMPA E A FEIRA DA AGRICULTURA FAMILIAR

O Projeto Troca Limpa iniciou junto a feira da agricultura familiar, numa quarta-feira, 14 de junho, antecipado por causa do feriado da quinta, 15 de junho de 2017. A feira está consolidada todas as quintas feiras pela manhã.

Primeiro dia de Feira com educandos e educadores do Campo mais Secretário Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Erinilson Cunha.



Fonte: Arquivo de Ariadny Moreira, 2017.

Entendendo que a metodologia do ensino da EJA no campo tem suas singularidades, sabendo que é importante unir o cotidiano dos agricultores e possibilitar a sustentabilidade local aos conteúdos de sala de aula, propomos a feira e com isso oportunizamos os educandos comercializar seus produtos.

Foi aceita a proposta apresentada de receber os resíduos como moeda de troca na feira e assim trabalhar os conteúdos relacionados a meio ambiente pelos Educadores e Educandos que se propuseram iniciar a feira.

A Feira teve início com dois agricultores dentro da sede do SINTRAF vendendo seus produtos. Atualmente a feira foi para frente do sindicato, ganhando as ruas e aumentando o número de agricultores vendendo seus produtos, não apenas os educandos da EJA, mas qualquer agricultor pode comercializar seus produtos nesta feira. Em Serra de São Bento não existia feira, com isso os moradores estão bem satisfeitos em poder comprar hortaliças e outros alimentos fresquinhos.

A Feira na atualidade, recebedo sempre escolas para Troca Limpa



Fonte: Arquivo de Ariadny Moreira, 2017.

O Projeto Troca Limpa que acontecia semanalmente apenas as quintas, junto a feira da agricultura familiar, agora acontece diariamente de segunda a sexta no SINTRAF, mas durante a feira é que recebe maior número de trocadores de lixo por alimentos, pois há uma variedade de hortaliças e é o tempo das escolas e demais participantes terem juntado uma maior quantidade de resíduos para troca.

Atualmente a rua da feirinha como está conhecida, é interditada durante a feira, pois tem significativa participação popular, com isso o SINTRAF solicitou ao município a interdição às quintas feiras pela manhã.



Material de divulgação do Projeto

As escolas do município foram convidadas a serem também protagonistas deste projeto, as mesmas entendem a importância e fomentam junto suas comunidades a coleta seletiva do lixo e vivenciam projeto ambiental respeitando a singularidade de cada escola, foi o que informaram no ato das visitas da coordenadora do projeto as escolas.

Adote uma lixeira é um subprojeto, o qual foi fomentado a partir da troca limpa, neste, o morador compra uma lixeira, a qual tem formato de rosa, feita de pneus velhos por um artesão local e coloca na frente da casa. Serra de São Bento, assim como a maioria dos municípios da região, não tem lixeiras nas ruas, com essa atitude os moradores contribuem para limpeza e beleza das ruas e casas, além de contribuírem com o meio ambiente e sustentabilidade local. Pois as lixeiras são fabricadas no próprio município. Na comunidade Serra do Meio, zona rural. Assim possibilitando um uso sustentável para os pneus velhos.

SERRA DE SÃO BENTO: CONTEXTO HISTÓRICO E A EDUCAÇÃO DO CAMPO

O município de Serra de São Bento situa-se na mesorregião Agreste Potiguar e na microrregião Borborema Potiguar, limitando-se com os municípios de São José do Campestre, Passa e Fica, Lagoa D'Anta e Monte das Gameleiras e com o Estado da Paraíba, abrangendo uma área de 96.6 km².



Segundo o censo demográfico efetuado no ano de 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o qual registrou 5.743 habitantes, sendo que 43.2% dos habitantes moram na zona rural do município.

O bem-estar da população é considerado médio com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) 0,6. Atualmente nos anos iniciais de ensino apresenta a média, 3,7 obtido junto ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB (BRASIL, 2013).

Serra de São Bento conta com seis escolas no campo em diferentes comunidades, atendendo a educação infantil e fundamental menor, totalizando 168 (cento e sessenta e oito) educandos e 20 (vinte) educadores, mais 60 (sesenta) educandos da EJA e 3 (tres) educadores. É neste espaço que foi iniciado o projeto Troca Limpa, especificamente nas turmas da Educação de Jovem e Adulto - EJA.

Sabendo que a Educação do Campo se origina das experiências dos povos do campo, ao longo processo de lutas em resposta às desigualdades educacionais e da ausência de escolas de qualidade que garantissem o direito dos povos do campo uma educação de qualidade e que contemplasse suas culturas e modos de vida, não poderíamos iniciar o ano letivo sem possibilitar um projeto transformador em comum acordo com os envolvidos. Entendemos que a educação que não provoca mudanças, que não promove debates dos atuais contextos e não contribui com sua comunidade, não tem significado.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

A Economia Social, segundo o historiador francês André Guélin, é um conceito que emerge no final do primeiro terço do século XIX como uma outra maneira de fazer da Economia Política (Guélin 1998: 1).

Quanto à definição atual da economia social, segundo o mesmo autor, “ela é composta por organismos produtores de bens e serviços, colocados em condições jurídicas diversas no seio das quais, porém, a participação dos homens resulta de sua livre vontade, onde o poder não tem por origem a detenção do capital e onde a detenção do capital não fundamenta a aplicação dos lucros”. (Guélin1998: 13)

O conceito economia de solidariedade aparece pela primeira vez no Brasil em 1993,11

num texto do autor chileno Razeto que o concebe como

uma formulação teórica de nível científico, elaborada a partir e para dar conta de conjuntos significativos de experiências econômicas (...), que compartilham alguns traços constitutivos e essenciais de solidariedade, mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas. (Razeto 1993: 40)

Sendo a economia solidária uma alternativa inovadora na geração de trabalho e na inclusão social, na forma de uma corrente do bem que integra quem produz, quem vende, quem troca e quem compra. Seus princípios são autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário o projeto Troca Limpa segue esse viés.

No Fórum Brasileiro de economia solidária, afirma-se que esta pode ser definida em três dimensões:

- Economicamente, é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos.
- Culturalmente, é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio-ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação e da inteligência coletiva, livre e partilhada.
- Politicamente, é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

AGRICULTURA FAMILIAR

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o estabelecimento que pratica a agricultura familiar é aquele dirigido pelo próprio produtor rural e que utiliza mais a mão-de-obra familiar que a contratada. É a agricultura praticada por famílias. Também é registrado pelo IBGE

(2009) que 70% dos alimentos consumidos no País são produzidos pelos agricultores familiares. São estes, os agricultores familiares, os principais sujeitos desta pesquisa.

Sabe-se que o estudo da agricultura sob o modo capitalista de produção tem-se caracterizado pelo debate político entre as muitas correntes de pensamento que dedicam atenção especial ao campo, mas nossa proposta aqui é saber que a agricultura mesmo ela sendo familiar perpassa o modo capitalista, assim afirma (OLIVEIRA, 2007):

“Outra característica das relações de produção no campo sob o modo capitalista de produção decorre do fato de que a força de trabalho familiar tem um papel muito significativo e vem aumentando numericamente de modo expressivo. Para exemplificar esse fato, basta lembrar o caso brasileiro, em que ela representa mais de 80% da força de trabalho empregada na agricultura, ou então recorrer ao exemplo norte-americano, cujas pesquisas recentes mostram uma participação massiva das *family farms*, isto é, da produção baseada no trabalho familiar. Assim, a agricultura norteamericana também não tem seu suporte nas *corporate farms* e sim nas *family farms*. Esse mesmo fenômeno ocorre também na maioria dos países da Europa.”

Procurando entender essas e outras transformações que o campo vem sofrendo, surgem inúmeras correntes de interpretação dessas realidades. De uma maneira geral, poder-se-ia dizer que todos os estudiosos da questão agrária concordam, tanto para o campo como para a cidade, com o processo de generalização progressiva por todos os ramos e setores da produção, e do assalariamento, relação de produção específica do modo capitalista de produção. No entanto existem discordâncias quanto à interpretação do processo. Para uns, ele leva inevitavelmente à homogeneização: a formação de um operariado único num pólo, e de uma classe burguesa no outro. Para outros, esse processo é contraditório, portanto heterogêneo, o que leva a criar obviamente, no processo de expansão do assalariamento no campo, o trabalho familiar camponês.

A agricultura familiar se constitui por pequenos e médios produtores, representa a maioria de produtores rurais no Brasil. O nordeste representa uma média de 50% do total. Este segmento detém 20% das terras e responde por 30% da produção global.

Em alguns produtos básicos da dieta do brasileiro como o feijão, arroz, milho, hortaliças, mandioca e pequenos animais chega a ser responsável por 70% da produção. Em geral, são agricultores com baixo nível de escolaridade e diversificam os produtos cultivados para diluir custos, aumentar a renda e aproveitar as oportunidades de oferta ambiental e disponibilidade de mão-de-obra.

Este segmento tem um papel significativo na economia das pequenas e grandes cidades. Os produtores e seus familiares são responsáveis por inúmeros empregos no comércio e nos serviços prestados nas pequenas cidades. A melhoria de renda deste segmento por meio de sua maior inserção no mercado tem impacto importante no interior do país e por consequência nas grandes metrópoles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto vem ganhando notoriedade na região, Prefeitos, secretários, professores e outras pessoas tem vindo a Serra de São Bento para conhecer este trabalho. Escolas de cidades vizinhas já vieram participar do projeto e trocar os resíduos por alimentos.

É preciso um apoio do poder público para o fortalecimento e progresso, em pouco tempo o projeto ganhou notoriedade e o envolvimento desejado da comunidade, com isso os resíduos trocados alimentaram, precisando de um espaço maior para o armazenamento, dentre outros fatos que precisam ser analisados.

Há desejo de união com os municípios vizinhos para que aconteça a coleta seletiva e a produção da matéria prima feita dos resíduos em um dos municípios, dando mais um passo a este projeto de conscientização ecológica e sustentabilidade local.

Ter no cotidiano escolar das turmas da Educação de Jovem e Adultos a vivência da feira e projeto troca Limpa é uma possibilidade de unir a teoria e prática dos conteúdos proposta por Paulo Freire.

Uma educação que não provoca mudanças e não contribui com o cotidiano de seu município não tem significado.

Não resta dúvida de que é preciso um compromisso com o conhecimento, entende-se que a sobrevivência da espécie humana só depende dela mesma. A comunidade exerce fundamental importância e tem muito a contribuir para que haja essa conscientização.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 30a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Gadotti (org.). *Educação comunitária e economia popular*. São Paulo: Cortez, p.34-58

GUÉLIN, André (1998). *L'invention de l'économie sociale*. Paris: Economica

Gutiérrez, F. & Prado, C. (2008). *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 7 dez. 2011. *Investigação e formação*. São Carlos: EDUFSCar

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 07 de março de 2015.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade*. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MASSABNI, V. G. *O construtivismo na prática de professores de ciências: realidade ou utopia?*. *Ciências & Cognição*. (UFRJ), v. 10, 2007, p. 104-114.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária*. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

RAZETO, Luís (1993). *Economia de solidariedade e organização popular*. In: Moacir

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.